



VINTE CINCO ANOS – 1997/2022

UM LEGADO DE MEMÓRIAS BIOGRÁFICAS



2001. Ginásio do Liceu. Norberto Oliveira dirige o Orfeão dos Antigos Alunos no seu concerto inaugural comemorativo dos 150 anos do Liceu



2010. Sociedade Amor da Pátria. Norberto Oliveira com o Orfeão da UniSénior no seu 1.º concerto na sessão de encerramento do ano académico

A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DE NORBERTO OLIVEIRA



4 de Janeiro de 2022. O dia nasceu e anoiteceu logo no coração dos amigos do Norberto. A notícia *abalou* voando implacável. As mensagens cruzaram-se vindas de todo o lado. Intensas e incrédulas. Com as memórias soltas de cada um. Ainda sem a Memória de todos. Tinham partido até onde se lembravam de ter estado com ele...

Afinal, era mesmo verdade! Então, porque continuar incrédulo? E a tal mensagem antiga? Da música que lhe dava vida sempre partilhada. A Vida e a Música. Era preciso sair do momento trágico. E entrar na alegria cristã do Norberto. E o vazio do *E agora?*

Como preencher esse grande vazio? Possivelmente construindo a Memória onde ficará connosco. Juntando as nossas memórias numa Memória única. E os outros? A Sociedade?! Sim, o Norberto também deixou um legado na Sociedade. Terá lugar na memória colectiva faialense?

Comecemos já aqui a erguer mais um *memorial* junto à colecção de memórias biográficas da AAALH, aberta para este Antigo Aluno que tão bem soube recordar o tempo do liceu. Do bom aluno que liderou experiências de cultura com amizade. No Liceu e em tempo de saudade. Para este tempo criou uma partitura. Com dois andamentos. Estreados em duas festas grandes, cada uma a 50 anos da emoção que faz estremecer – a memória da chegada e a memória do começo da partida do Liceu. E a memória do Sócio? Foi igual a si mesmo. Empenhado e colaborante. Como vimos sempre que frequentou este Boletim. E quando partilhou anseios e projectos ao longo dos últimos 25 anos na tertúlia matinal do Café Volga, lugar icónico do tempo do Liceu. E na UniSénior? Projecto em que todos são *professores de memórias*. Marcou-o pela sua influência e foi marcado por ele, um projecto em que acreditou. Além do que fez, muito, soube, até ao fim, pensar a UniSénior. Um artífice do seu espírito.

(Cont. na pág. seguinte)



Câmara Municipal da Horta

Gabinete do Presidente

Voto de Pesar

Faleceu no passado dia 4 de janeiro de 2022, no Hospital da Horta, Manuel Norberto Garcia Oliveira, um homem estimado e respeitado, que deixou marca na sua vida profissional e no panorama cultural da ilha do Faial.

Nascido na freguesia do Salão, ilha do Faial, a 28 de abril de 1951, o Engenheiro Norberto Oliveira, como habitualmente era conhecido, foi Antigo Aluno do Liceu da Horta, entre 1961 e 1968, tendo-se licenciado em Engenharia Agronómica, em 1973, no Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa.

A sua vida profissional foi passada como Técnico Superior de Desenvolvimento Agrário, onde trabalhou até 2016, tendo desempenhado, durante vários anos, o cargo de Chefe do Gabinete do Secretário Regional da Agricultura.

Manuel Norberto Garcia Oliveira deu muito à cultura faialense, como membro da Tuna UniSénior e regente da Capela das Angústias, como diretor artístico do Grupo Coral da Horta e do Orfeão dos Antigos Alunos do Liceu da Horta, sendo, ainda, presença assídua nos tradicionais Ranchos de Natal, promovidos pelo Município da Horta.

Do seu legado fazem parte inúmeras letras de canções e composições, que constituem um repertório histórico para a ilha e para a Região, como "O Meu Casebre", "Luisinha", "Fujamos Daqui" e "Ciranda".

Ora, considerando que o Eng. Norberto Oliveira foi uma figura proeminente na ilha do Faial, um cidadão de grande tenacidade, bom senso e apurado sentido de voluntariado e dedicação à música tradicional e religiosa.

Considerando o contributo que Manuel Norberto Garcia Oliveira deu para a Cultura Faialense.

Propõe-se, em face do exposto, que a Câmara Municipal delibere:

- aprovar o presente Voto de Pesar pelo falecimento de Manuel Norberto Garcia Oliveira;
- apresentar as sentidas condolências à sua família, transmitindo o teor deste voto;
- dar conhecimento do presente voto à Associação de Antigos Alunos do Liceu da Horta (AAALH), ao Grupo Coral da Horta e aos Órgãos de Comunicação Social.

Paços do Concelho da Horta, 10 de janeiro de 2022

O Presidente da Câmara Municipal da Horta

Carlos Manuel da Silveira Ferreira

PERCURSO PROFISSIONAL¹

Manuel Norberto Garcia de Oliveira (Salão, Faial, 28 de abril de 1951 – Horta, Faial, 4 de janeiro de 2022) era Engenheiro Agrónomo e desenvolveu a sua atividade profissional (1974-2017) em diferentes serviços ligados à agricultura.

Estudou no Liceu Nacional da Horta (1961-1968) e no Instituto Superior de Agronomia (ISA) (1968-1973), onde se licenciou em Ciências Agronómicas.

Em outubro de 1974 ingressou no quadro da ex-Junta Geral do Distrito Autónomo da Horta como Engenheiro Agrónomo tendo posteriormente transitado para o quadro da Secretaria Regional da Agricultura e Florestas após a constituição do I Governo Regional da Região Autónoma dos Açores, em 1978.

Desempenhou cargos de chefia e direção: nos Serviços Agrícolas da Ilha do Faial (1982-1984); nos Serviços de Desenvolvimento Agrário do Faial (1984-1989); na Divisão de Experimentação Vulgarização e Formação Profissional dos Serviços de Desenvolvimento Agrário do Faial (1995-2001).

Entre 2001 e 2016 exerceu funções de Chefe de Gabinete na Secretaria Regional da Agricultura, com diferentes Secretários Regionais, tendo em 2017 passado à situação de aposentado.

A sua atividade profissional esteve dirigida à área da produção animal, no setor de Forragens e Bovinicultura, tendo para o efeito participado em vários cursos, estágios e ações de formação profissional nos Açores, no continente português e no estrangeiro:

- Estágio sobre técnicas de produção e conservação de forragens efetuado em diversas Universidades da Alemanha, Holanda e Bélgica (1977);
- Estágio sobre conservação de forragens e produção de sementes, em Universidades dos Estados Unidos da América, com o patrocínio da "International Agency for Development" (1978);
- Seminário sobre conservação de forragens promovido pela "European Grassland Federation" em Brighton (1979);
- Estágio sobre produção forrageira, em diversas estações experimentais do Instituto de Agricultura da Irlanda (1985);
- 11.º e no 12.º Congressos da "European Grassland Federation" realizados no continente português e em Dublin, Irlanda (1986 e 1988, respetivamente);
- 38.º Congresso da "Federação Europeia de Zootecnia", realizado em Lisboa (1987);
- Curso de "Tratamento Informatizado de Dados Experimentais", promovido pela SRAP e com a cooperação de especialistas da Universidade de Dublin;
- Cursos diversos, realizados na Região, no âmbito da bovinicultura, produção de leite, produção pratense e forrageira, promovidos pela Secretaria Regional de Agricultura e Pescas (SRAP).

Foi também co-autor de diferentes trabalhos sobre forragens, apresentados em alguns dos congressos já referidos, monitor de variados cursos para agricultores no âmbito da bovinicultura e produção e conservação de forragens, tendo igualmente participado em reuniões técnicas anuais da Sociedade Portuguesa de Forragens.

Exerceu ainda funções de professor, em regime de acumulação, na Escola Secundária da Horta, durante 3 anos, lecionando a disciplina optativa de Produção Vegetal.

¹ Dados recolhidos pelo Eng. Mário Lourenço.

A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DE NORBERTO OLIVEIRA (Continuação)

Mas há ainda memórias que nos chamam para não nos esquecermos delas. Mais lados da vida. Desde as raízes de sentido secular que trouxe do campo para a cidade. Da *sua* freguesia onde se comprometeu com a vida em princípios de verdade intocável. Onde despertou para a sensibilidade artística, junto à terra. E onde apreendeu o sentido de partilha, como forma de estar, de cultura profunda. Estas referências moldaram a ambição. Na cidade estudou muito bem. Atingiu o alto patamar do patrocínio para ser mais. Percebeu a mensagem. Preferiu um percurso para continuar a valorizar a terra. Escolheu uma Academia de grandes tradições. Onde os alunos não eram formados para saberem *cada vez mais de cada vez menos*. À *mensagem percebida* juntou-se o apelo interior. O compromisso de regressar ao Faial foi cumprido. Esperava-o um longo caminho em que a competência teve dois grandes aliados – o sentido de responsabilidade e a lealdade institucional. Ajudou decisores. Mas terminou amargurado. Atingido pela pequenez de certos desígnios políticos. Tentou normalizar a mágoa em momentos de solidão junto ao mar. Ficou a terrível dúvida dos justos. Para quê? Valeu a pena tanto empenho para terminar sem direito ao respeito?

Há mais memórias... tantas! O vazio só será substituído pela Memória se nesta construção também houver um capítulo *enorme* sobre a intervenção cívica dedicada à cultura musical popular e desta constar a longa série de *doações* que protagonizou. De si e do seu trabalho.

Enviámos mensagens à Cristina, sua esposa. Sobre este passeio pelas memórias dos amigos. E sobre mais uma conversa no Café Volga depois de o Norberto nos ter deixado. Falámos dos mesmos assuntos, na mesma mesa. A *bica* foi pedida pela perplexidade da notícia. Esperamos que a Cristina consiga estar connosco em mais este projecto de memória biográfica para construirmos a Memória do Norberto.

NORBERTO OLIVEIRA E A UNISÉNIOR¹



Norberto Oliveira partiu. E faz falta. À UniSénior também. Porque vivia este projeto com entusiasmo, compromisso e dedicação. Porque lançava a música com a alegria e o respeito de quem dá à luz uma *Bela Aurora*. Porque soltava cada nota como quem beija um filho. Porque exigia a entrega de cada coralista. Porque se emocionava, bramava e amainava na viagem das *Ilhas de Bruma*. E nunca as perdia de vista.

O Norberto estará entre nós todas as vezes que ouvirmos um cântico coletivo de música popular. Ou um(a) cantor(a) a solo. Ou um(a) professor(a) de música. Ou um maestro. Ou percebermos alguém a vibrar com os sons. Mais: o Norberto viverá connosco enquanto a UniSénior viver. Com a *Saudade* de todos nós.

A sua saúde não o impediu de se sentar comigo, numa tarde amena de setembro último, no Café Internacional, a falar da UniSénior. Fez questão de dar o seu contributo para o futuro. Um futuro que esperava partilhar.

Balizou esse futuro em três premissas: instalações, qualidade, flexibilidade. O prazo, a “negociar” com a pandemia. Mas as instalações, urgentes. A construção, sempre colaborante: *traz outro amigo também*. “Os novos séniores” – afirmou, empolgado – “têm de se envolver. É preciso captar mais gente, debater mais ideias, incentivar mais criatividade. Oferecer mais saber, apostar em mais intercâmbios, proporcionar mais convívios. Dar-nos a conhecer a outras organizações, receber delas estímulos e contribuir para o seu crescimento. Expandir o projeto.”

À pergunta: “gostarias de continuar a colaborar?” não hesitou: “gostaria; vai depender da minha saúde, mas sim”. E nós acreditámos que sim. Que estaria a movimentar os novos séniores, a contagiar-nos com o teu dinamismo musical, a sorrir para a vida. Como um *Menino d’Oiro*.

Vamos continuar a acreditar. Ao ritmo que a prudência da pandemia determina, auscultamos os envolvidos. Unimos quem não quer parar. Olhamos em frente. Traçamos rotas na *Trova do Vento que Passa*. De porta aberta para o mundo de aquém e além-mar. É essa a nossa homenagem. E que outra mais sentida te poderíamos fazer?

Obrigada, Norberto.

Lisboa, 04 de janeiro de 2022

Alzira Silva

¹ Texto inspirado num encontro com Norberto Oliveira no âmbito de um estudo em curso sobre a readaptação da UniSénior à evolução das motivações dos séniores para a prática do envelhecimento ativo.

NORBERTO OLIVEIRA CANTA AVÉ MARIA DE SCHUBERT



(Foto cedida por Judite Salema)



Norberto Oliveira cantando a Ave Maria de Schubert na Igreja das Angústias durante a missa incluída no programa dos 60 anos da entrada para o Liceu do curso de 1944.

Tendo sabido desta comemoração, Norberto Oliveira preparou tudo em segredo e fez uma agradável surpresa com a sua participação.

HOMENAGEM DE UM ANTIGO PROFESSOR



Ao longo de mais de quarenta anos da minha carreira de professor liceal e universitário tive centenas, diria mesmo milhares, de alunos. A todos tentava conhecer e tratava pelo nome, mas o tempo encarregou-se de mos fazer esquecer. Não a todos, porém.

Num dia de Agosto de 2017, recebi um e-mail com um convite que me emocionou. Um grupo de ex-alunos do Liceu da Horta, dos quais fora professor de Filosofia em 1967-1968, pretendia comemorar os cinquenta anos da conclusão do seu curso revivendo a sua festa de despedida, na qual tinham apresentado a peça *A Longa Ceia de Natal*, de Thornton Wilder, e convidava-me a participar no evento, a realizar no ano seguinte. O convite despertou em mim uma catadupa de memórias; em cinquenta anos esquecera muita coisa, mas o que fora aquele ano com aqueles alunos tinha sido muito especial. Os nomes que subscreviam o convite trouxeram-me de imediato as imagens do que, então, eram. O primeiro nome era do Norberto, autor da missiva. E de imediato o Norberto apareceu-me, primeiro sentado no seu lugar numa das salas da ala nova do Liceu, atento e sempre participativo; depois, muito dinâmico, a ajudar a pôr de pé a récita dos finalistas e a apresentar-se como um compenetrado Rodrigo II n’ *A Longa Ceia de Natal*, que se pretendia agora repor.

Dei por mim a pensar como seriam, agora, esses meus alunos que continuava a ver como jovens, passados cinquenta anos. Deixara-os à porta de entrada de um curso superior ou do mundo do trabalho, hoje estariam já reformados ou perto disso...

Quando, no fim de Maio de 2018, regressei ao Faial, desta vez num avião da SATA e não no “Carvalho Araújo” como cinquenta anos antes, a minha expectativa era enorme. À saída do aeroporto, aguardava-me um pequeno grupo, e o Norberto foi o primeiro a abraçar-me. Nos dias que se seguiram, dias de emoções fortes, a convivência que tive com o Norberto mostrou-me que conservara da sua juventude a alegria e vivacidade de que me recordava, a que adicionara, claramente, uma capacidade de liderança excepcional. Ele foi a alma daquela comemoração, sempre presente em todos os momentos, atento a todos os pormenores, sentindo genuíno prazer nesse regresso ao passado, que com ele compartilhei com imensa satisfação.

Desde então até há poucos dias, tive ocasião de privar com o Norberto, no Faial e em Lisboa, estreitando laços de uma amizade serôdia, mas muito sincera. Numa ocasião em que estive na Horta promoveu um jantar para me proporcionar mais um convívio com antigos alunos, organizando-o em poucas horas. Era assim o Norberto.

A notícia inesperada da sua morte deixou-me numa tristeza imensa, e sei como estão todos os seus amigos. Perante a inevitabilidade da morte temos de preservar a memória do Norberto e continuar o que ele sempre procurou: unir o grupo de amigos ao longo da vida.

Lisboa, 15 de janeiro de 2022

Cândido M. Varela de Freitas

AMIGO NORBERTO!



Perpetuar nas nossas memórias a amizade e a lealdade construídas na cultura das artes Musical e Teatral é um privilégio singular.

As digressões por Portugal Continental e por ilhas açorianas, bem como a realização do primeiro festival de teatro sénior efetuado neste país, diferenciam a gestão inicial da Universidade Sénior da Ilha do Faial.

Foi a concretização de sonhos e utopias “quicá” impensáveis. Norberto, és um autodidata e um “ícone musical” na tua apaixonada “Ilha Azul”.

Saibamos honrar e dignificar o teu “legado”.

Aquele abraço!

Horta, 13 de janeiro de 2022

Manuel M. C. Aguiar

NORBERTO, TÍNHAMOS AMBOS QUINZE ANOS...



“Há quanto tempo isso foi!” – diria a Mãe Bayard ao seu filho Rodrigo, numa reflexão que também a nós se aplicava pela circunstância de, nessa peça que reeditámos em 2018, tu seres o meu filho Rodrigo e termos ambos a mesma crescida idade... A magia que o teatro consente!).

Tínhamos então quinze anos quando, ao ingressarmos no Curso Complementar, nos tornámos colegas no antigo Liceu Nacional da Horta, situado ali à beirinha do Largo do Infante, um e outro de nostálgica memória.

Colegas sim, mas um tanto distantes, como era hábito acontecer entre as turmas de Ciências e as de Letras. Distância que naturalmente ia encurtando com as disciplinas (poucas) que tínhamos em conjunto, as récitas estudantis e o convívio a que umas e outras nos remetiam. Mas o que, de facto, tornaria aqueles finalistas de 1967/68 num grupo para a vida foi a inolvidável experiência de levarmos à cena, por sugestão e acção impulsionadora do nosso Professor de Filosofia, Dr. Cândido Varela de Freitas, a Longa Ceia de Natal, de Thornton Wilder.

Três apresentações no Teatro Faialense, a entrega dos alunos, a complicitade dos professores e familiares – e o carinho com que o público nos premiou – parecem ter sido a pedrada no charco contra a hipótese de indiferença ou esquecimento, qualquer que fosse o lugar onde a vida levasse os “do nosso bando”.

E a vida correu. Correu pelo tempo e, quiçá, pelos sonhos que ousámos sonhar, uns conseguidos, outros nem tanto.

E, nas várias e surpreendentes curvas que a vida fez acontecer, haveríamos de nos encontrar bastas vezes, participativos e companheiros, em projectos comuns. Várias vezes, entre as quais destaco:

- Na UniSénior:
 - Criando e ofertando-lhe o respectivo hino;
 - No Orfeão, que criaste, acarinhaste e dirigiste;
 - Na Tuna, que também integraste;
 - No Grupo de Teatro, em que, com a colaboração de Hugo Duarte, tomaste a teu cargo ensaiar e dirigir os momentos musicais para as nossas apresentações, os dois acompanhando-nos generosamente no perambular pelos muitos palcos onde actuámos, nas ilhas e continente;
- Na trabalhosa empreitada de reeditar a Longa Ceia de Natal, essa loucura que nos acometeu de mergulhar 50 anos e trazer até nós

os colegas do longínquo ano de 1968, o mesmo ano de se dispersarem para novos rumos as asas desse “nosso bando”;

• Ainda, num outro retalho de memória, trago aqueles ensaios das canções que acompanhariam o lançamento de um livro de Manuel Aguiar, na Biblioteca Pública João José da Graça. Entre os cuidados pela covid, os poemas de Manuel Alegre e Zeca Afonso. A minha estranheza com a guitarra para a “Trova do Vento que Passa” e a tua branca praticamente em cima do momento de trazeses o “Menino do Bairro Negro”... Mas tudo entrou nos eixos a tempo e de modo que o propósito fosse cumprido.

Agora...

Agora foste embora e eu ainda não acredito.

Oh Norberto...!

Mergulho pela memória dentro e encontro-te bem disposto e confiante, tal como te vi da última vez. Se ouço uma canção ou tento trautear, logo te ouço a cantar ou, já que estamos em maré de lembranças e franqueza, também te avisto a arregalar-me os olhos porque alguém, perto de mim, está a desafinar no ensaio do Orfeão e eu é que pago as favas! Já te disse isto e tu riste-te...

E que dizer daquela nossa festa, Norberto?! Aquela festa que, por diligências tuas, telefonando a todos e cada um, resultava no saboroso reencontro da malta, no jantar de sexta-feira, em cada Semana do Mar. Desde há mais de 40 anos! Praticamente desde o seu nascimento.

Não podemos ainda combinar nada, não é prudente, mas quando o Sars-Cov-2 deixar, voltaremos ao lugar e espírito desse encontro.

– “Às 8 da tarde, fora do Café Internacional!”

Combinado, Norberto. Depois, seguiremos para o jantar-convívio numa barraca.

Mas não te iludas. Ficas já a saber que não terás outro remédio senão comparecer!

O teu lugar é connosco. Sempre!

Horta, 17 de janeiro de 2022

Lídia Garcia Pombo



Norberto de Oliveira actuando na Tuna da UniSénior

ATÉ LOGO, NORBERTO!



Vi-te pela última vez num domingo de novembro de 2021, sentado com ar taciturno na última fila do lado direito da igreja de Nossa Senhora das Angústias, onde foi usual ver-te ao longo de muitos anos. Nesse domingo não foste “cantar” na capela como sempre fazias. Certamente já sabias que aí vinham “coisas más”, mas que eu nem desconfiava, porque alguns dias antes até tínhamos tido uma boa conversa sobre coisas várias, em particular sobre a “nossa” UniSénior, na Rua Tenente Aragão.

Regressaste já neste ano de 2022, à casa do pai, voltaste com dignidade, porque viveste uma vida boa, viveste com paixão tudo o que gostavas, foste amado, lutaste contra a doença, contra uma inevitabilidade que se aproximava, mas que se aproximava, lentamente. Vida que foi marcada pelos bons e maus momentos. Momentos em que soubeste dar a devida resposta mesmo que isso tivesse doído, e, muitas vezes, de que maneira.

Por isso, serás lembrado na medida em que acredito que passaste a uma vida maior. Lá diz o nosso povo com aquela sabedoria que o tempo nunca sepultará: a morte é substituída pela vida.

Não tinha contigo intimidade. Apreciei sempre o teu amor pela música. Admirei-te como membro da capela de Nossa Senhora das Angústias e como maestro e diretor artístico do Grupo Coral da Horta e do Orfeão da UniSénior.

Mas tínhamos uma coisa em comum. Uma coisa que o tempo nos trouxe. O amor pelo Atlético. O gostar do Atlético, que em 2023 fará 100 anos. Mas não devemos esquecer que quando falavas

do “teu” Grupo Desportivo do Salão os olhos brilhavam, apesar das palavras serem de um orgulho contido. E quando foi campeão da Associação de Futebol da Horta, na época de 1992-1993, nem se fala.

Foi com grande surpresa que na elaboração do livro do Clube, apresentado em 1992, verifiquei que tinhas sido seu presidente na época de 1980-1981. Daí compreender a tua presença constante pelo clube e nos jogos, quando iniciei as minhas funções de treinador da equipa de juvenis, em 1989-1990. E isso levou a que começássemos a falar. Permitiu que nos aproximássemos.

Esta situação seria reforçada quando os nossos filhos eram da mesma turma, e tu assumiste ser o representante dos pais e encarregados de educação; depois, quando fui diretor do Museu, instituição em que a Cristina era funcionária; finalmente, quando me permitiste na tua condição de chefe do gabinete do secretário da Agricultura, que fotografasse os vitrais existentes na casa da antiga companhia alemã, conhecida por casa do Relógio, e nessa situação o apoio dado ao Clube de Filatelia *O Ilhéu*, quando este levou a cabo uma exposição de medalhística.

Caro Norberto, a tua morte doe! Fiquei entristecido! O mundo, em particular o da música, ficou, mais pobre! Assim, ao terminar, como faço quando visito amigos que a lei da vida já levou tanto nos cemitérios dos Flamengos, do Carmo, da Praia do Almoxarife e da Feteira, apenas um “Até logo, Norberto”.

Horta, 20 de janeiro de 2022

Carlos Lobão

MEU AMIGO / IRMÃO MANUEL NORBERTO



Conheci-o tinha ele 10 anos de idade. Entrávamos para o 1.º ano do Liceu Nacional da Horta em 1961. Ele vindo do Salão e eu do Fim do Pasteleiro (quase Feteira). Não éramos meninos da cidade e logo aí descobrimos algumas afinidades, próprias de quem vem de longe e vai enfrentar um ambiente urbano desconhecido. Nos anos 60 as freguesias rurais, por falta de transportes, pareciam ficar muito longe da cidade ao ponto de os alunos que vinham das localidades dos extremos da ilha, norte ou sul, terem de ficar em casas (quartos alugados) durante os dias lectivos e só regressarem às suas casas aos fins de semana e às vezes só nas férias, foi o caso do Norberto. O nosso percurso escolar manteve-se paralelo até irmos para a Universidade em Lisboa e depois, já no Faial, acabados os cursos, continuámos a cultivar o prazer dos encontros e reencontros, aliás partilhados com o grupo de colegas que terminara o antigo 7.º ano em 1968. Nenhum de nós duvida que foi ao Norberto que ficamos a dever o facto de nunca se ter perdido a proximidade que nos unira no ano lectivo de 1967/68 quando embarcámos na aventura de um projecto inédito de apresentar ao público uma peça de teatro de Thornton Wilder sob a orientação do nosso Professor de Filosofia, Professor Doutor Cândido Varela de Freitas .

O Norberto deu um novo sentido à palavra Amizade. O sentimento que floresceu no seio do nosso grupo de adolescentes, pelo afecto, partilha e cumplicidade que foram sempre estimulados e garantidos por este colega, deixou de caber na palavra Amizade e passou a integrar a palavra Amor. Uma forma de Amor profundamente verdadeira, pura e generosa que congregou um número tão grande de colegas durante várias décadas.

São muitas as situações em que o Colega Norberto mostrou a sua capacidade de cultivar e enriquecer a Amizade deste grupo nos contactos que estabelecia com todos, de cada vez que organizava os nossos convívios anuais e sobretudo quando mais uma vez nos jun-

TIMONEIRO

Átropos afiou as abomináveis tesouras
cortando sem piedade
o fio da vida ao nosso timoneiro.
Éolo, do cimo das montanhas da sua ilha,
ordenou aos quatro ventos
que lhe orientassem a última viagem.
Partiu o nosso amigo
na demanda do Além.
Quantas vezes tangeria
o seu melodioso violão
convocando a malta para a festa,
e conduzindo várias turbas
ao longo da estrada!
Levado pelas asas invisíveis da música –
Salve Regina
Avé Marias
Sinfonias
Melodias populares
cantadas em coro ou a solo
em atos religiosos,
convívios, serenatas, farras –
o timbre da sua profunda voz
na nossa alma impregnado fica.
Mas mais ainda dele há de permanecer
o amor a tudo e todos
a autenticidade do viver na verdade,
a alegria da criação.

Maria Eduarda, 2022.01.06

(Lembrando o Norberto Oliveira, falecido a 04)

tu e incentivou a repor 50 anos depois a mesma peça do 7.º Ano, “A longa ceia de Natal”.

Para mim nunca foi surpresa a nobreza de carácter que o impelia a oferecer apoio e um abraço de incentivo aos Amigos. Fui uma das que usufruiu da sua genuína solidariedade e por isso faço questão de realçar um episódio único que deixou uma marca profunda na minha personalidade.

Na ocasião de enorme fragilidade que constituiu a minha primeira viagem para Lisboa foi ele que me “salvou”. Este episódio mostra bem a generosidade deste Amigo que já aos 17 anos era capaz de uma atitude tão nobre e solidária: – no ano da nossa entrada para a Universidade os meus colegas partiram como era habitual em Setembro/Outubro, mas eu que dependia de uma Bolsa de estudo para me manter em Lisboa e pelo atraso dos trâmites inerentes à concessão dessa Bolsa, só consegui viajar em Janeiro. Viajei sozinha num barco de carga e talvez quando chegasse a Lisboa, um parente afastado do meu pai que eu não conhecia estivesse no Cais da Rocha à minha espera. A viagem foi muito atribulada devido a uma tempestade e depois de 10 dias de tormento e de tormentas cheguei a Lisboa numa noite de Inverno chuvosa e fria. Desembarquei atordoadada, assustada, um farrapo e foi o Norberto que me resgatou dos momentos sofridos da viagem. Em cima do cais, encharcados mas firmes na espera da coleguinha que eles sabiam pelo Norberto que ia chegar desamparada, estava ele e outros dois colegas que o próprio tinha convencido a me acolherem na chegada.

O Norberto correu para mim sem deixar que o negro medonho do cais me petrificasse e a sensação do seu abraço reconfortante e caloroso ficou para sempre gravado na minha memória e no meu coração, um abraço só comparável àquele do meu irmão (no mesmo cais) no regresso da guerra colonial.

Meu querido e amado Amigo, Irmão, fizeste e farás para sempre parte da minha vida e no meu coração tenho reservado um cantinho acolhedor que foi guardado para ti, onde se ouve a “nossa valsa”, *The Second Waltz de Shostakovich*. OBRIGADA.

Horta, 18 de Janeiro, 2022

Lúcia de Mello Serpa

(Este texto é totalmente fruto da emoção que ainda me abala pela perda do meu Amigo e portanto sem qualquer preocupação de recorte literário que considereei secundário neste contexto .)



RESPONDERE IN AMORE*



A amizade com o Norberto iniciou-se nos últimos anos do Liceu da Horta (66/67-67/68).

Vínhamos do mundo rural, de famílias musicais, e foi a música existente em tudo, o que mais nos uniu.

O convívio manteve-se em Lisboa, nos anos de faculdade e prolongou-se pela vida fora, no Faial.

Muito tocámos, cantámos e rimos juntos! *Que Alegria, Espelho de Verdade!* O Norberto soube sempre vencer a tristeza com simplicidade, bom humor, autenticidade e uma tal alegria que o fazia amorosamente disponível para os outros.

Viveu de certeza feliz por ter vivido, tal como dizia Cícero, com honestidade e retidão.

Baixa da Banheira, 15 de Janeiro de 2022

Maria Eduarda Faria da Rosa

*Corresponder com igual afeto.

COISAS DE QUE ME LEMBRO DO “NORBERTO”



Conheci o Norberto (de nome completo Manuel Norberto Garcia de Oliveira, ou simplesmente Norberto Oliveira e para as amigas e amigos e conhecidas ou conhecidos mais próximos, simplesmente por Norberto) em 61 aquando do nosso ingresso no LNH (Liceu Nacional da Horta). Vinha do campo como eu o que nos dava alguma similitude, tínhamos essa particularidade em comum. Segui o seu percurso de vida académica e partilhámos alguns momentos de convívio.

Sempre o vi como um aluno prendado, certinho e atinadinho. Fez o Liceu e a Faculdade de uma só assentada. Em 68 rumo ao ISA (Instituto Superior de Agronomia) onde conclui a sua formação em Engenharia Agrónómica em 73.

Regressou ao Faial em 74, e ingressa nos Serviços Agrários de Ilha, de onde se reformou em 2017. Desde a sua reforma, até à data do seu falecimento, empenhou-se de alma e coração entre outras actividades, na mobilização e dinamização do grupo de antigas e antigos colegas do LNH para actividades de convívio e confraternização.

Faleceu a 4 de janeiro de 2022 aos 70 anos de idade (28 abril 1951 – 4 janeiro 2022).

Do percurso de vida do Norberto recordo o seu papel de cidadania, a sua simpatia, a sua ligação à música enquanto maestro de grupos corais na ilha do Faial e animador de tertúlias de que outros melhor do que eu saberão com certeza traçar as suas linhas mais relevantes, bem assim o seu percurso profissional nos serviços agrícolas de ilha e o seu desempenho junto dos diversos Governos Regionais que mediaram de 2000 a 2016, na qualidade de Chefe de Gabinete dos titulares das Secretarias Regionais, responsáveis pela área da agricultura e áreas afins, tais como Ambiente, Florestas e Pescas.

Recordo, contudo, com particular agrado duas áreas em que desempenhou papel de relevo quer como pessoa quer como cidadão.

Como pessoa teve o mérito de contactar (era o fiel depositário dos novos endereços das e dos colegas nomeadamente dos emails e dos tm), dinamizar e fazer recordar, de forma cíclica as antigas alunas e alunos, colegas do percurso académico do LNH de 61 a 68, proporcionando um espaço e um tempo para que cada um em grupo ou per si, conectasse com a criança e a ou o jovem que todos nós já fomos, fazendo renovar anualmente o ciclo da vida, em convívios e aniversários das efemérides que nos uniam.

Mas mais do que isso, foi o despertar de um momento mágico em cada uma ou cada um de nós, de reviver os nossos sonhos e a nossa capacidade de nos apaixonarmos e viver a vida naquilo que de essencial ela tinha e tem e que nos move e impele a ir mais além no nosso dia a dia.

Os convívios a que me refiro, dizem respeito a eventos de particular significado, tais como a entrada para o liceu, o término do ensino secundário e a saída do liceu para a vida, para o emprego, para a diáspora ou para a universidade (não sei ao certo quando começaram, mas julgo que assumiram um maior incremento após a reforma do Norberto) e traduziam-se de um modo geral numa modesta refeição de confraternização sem nenhum atributo especial e que valiam pelo reviver de memórias e a cumplicidade de um reencontro com tempos já idos, em que a senha e contra senha para entrarmos nesse mundo, se traduzia num aperto de mão, um abraço, um beijinho, um olá, num tudo bem, por onde tens andado, um piscar de olhos ou um simples sorriso, mas a modéstia de meios era suficiente e só por si valia o encontro.

Na celebração do quinquagésimo aniversário (1968/2018) foi diferente. Houve participação e envolvimento alargado, dos próprios, de professores e da comunidade em geral, conforme se depreende da longa lista de actividades envolvidas, desde a preparação, aos ensaios, ao acompanhamento, à confraternização, à realização do evento.

As comemorações atingiram o seu ponto alto com a realização de um “Serão Cultural” subordinado ao tema “Relembrando e Reinventando Tempos Passados – 1968/2018”, que contemplou diversos momentos, com particular realce para a reposição da peça de teatro “A Longa Ceia de Natal” de Thornton Wilder de 1931. Este serão teve como palavra de ordem a citação de Antoine de Saint-Exupéry e que pela sua pertinência, transcrevemos:

“Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós.”

Durante aquele momento mítico já não éramos quem éramos, mas sim quem fomos embora também fôssemos quem somos ...

Destes momentos, partilho parcialmente a comunicação que antecedeu o início do espetáculo proferida pelo Norberto no palco do Teatro Faialense, perante uma audiência de casa cheia ... e falava não só para a audiência presente mas para o mundo ... e para os vivos e os mortos ...

“Caras e caros antigos colegas do Liceu

Ilustres professores

Caras e caros espectadores

Perdoem-me se a voz se me embargar durante estes poucos minutos de intróito ao nosso serão, mas a emoção está num nível muito alto e a presença de tantos amigos – desde os colegas a ex-professores, passando ainda por tantos de vós de que tenho a honra de serem meus amigos – poderá ser-me traiçoeira!... Em todo o caso procurarei conter-me e transmitir-vos o que nos vai na alma.

Passaram já cinquenta anos, desde que um grupo de 49 estudantes, rapazes e raparigas (jovens de 17-18 anos de idade) terminaram os estudos de nível secundário, no então Liceu Nacional da Horta, e rumaram – cada uma e cada um seguindo um objectivo previamente idealizado – à procura do futuro que imaginavam ser a profissão para que haviam estudado afinadamente (ou não!)... “

Na verdade, os convívios valiam, não pelo que se comia e bebia ou dizia, mas pelo que se sentia, ao evocar aquelas ou aqueles, ou aquilo que já não sendo, ainda era.

Era o reviver do mito da eterna juventude ...

Como cidadão inserido na sua comunidade, quero também assinalar a sua participação activa e empenhada na salvaguarda de uma relíquia dos tempos áureos da epopeia faialense no quadro da globalização que foi a época dos cabos submarinos, dos primórdios planetários das redes de comunicação à internet, marca indelével das comunidades estrangeiras que por aqui passaram.

As acções conducentes à reabilitação ocorreram durante os anos de 2011/2012, era então Chefe de Gabinete da Secretaria Regional da Agricultura e Florestas e foi graças à sua disponibilidade e entusiasmo que os trabalhos foram levados a cabo com a reposição integral do madeiramento e ferragens bem assim a reabilitação dos respectivos vitrais que representam os reinos que constituíam a Alemanha de então, realizados pela conceituada casa vitralista alemã Schneiders&Schmolz, de Colónia, datado de 1912, os quais, decorrido um século, foram restaurados pelo vitralista português Paulo Patação precisamente em 2012.

A finitude da vida está presente desde o momento em que o Ser se afirma na sua identidade. Todas as civilizações criaram o seu modelo de vida, ou seja, aquilo que em arquitectura chamamos de maquete mais ou menos dinâmica, onde simulamos o nosso ou aquele ideal para o qual fomos formatados, que justifique a teimosia do acto de existir ou seja, dar um sentido para a vida.

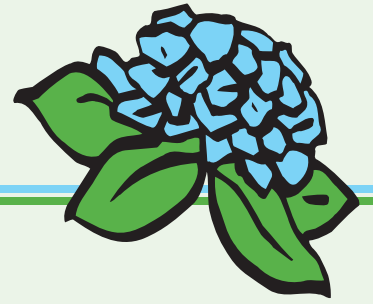
Se por um lado a vida e a morte são dois companheiros inseparáveis com as quais convivemos no dia a dia, a verdade é que procuramos aprender a viver e de um modo geral descuramos a morte, até porque mais cedo ou mais tarde ela acaba por chegar, seja para evitar atrair o mau agouro ou porque entendemos que se trata de uma invasão do território íntimo de cada um, do qual somos muito ciosos, vá lá saber-se porquê.

Continuamos sem saber ao certo de onde viemos, não sabemos muito bem o que por aqui andámos e andamos a fazer, nem sabemos para onde vamos.

Mas nos contornos da nossa dimensão humana, não nos contemos nos afectos e na saudade e neste sentido a partida quase repentina do Norberto traz mais uma vez ao de cima esse sentimento provavelmente irracional, mas bem real da nossa fragilidade.

Horta, 24 de janeiro de 2022.

Martins Naia



Em anexo ao presente Boletim n.º 45/46 da AAALH reportado ao projecto MEMÓRIAS BIOGRÁFICAS e dirigido a uma introdução ao tema CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DE NORBERTO OLIVEIRA, é em seguida incluído um documento da autoria do próprio Eng. Norberto Oliveira relativo à actividade do Orfeão da Universidade Sénior do Faial, de que foi seu fundador e Director Artístico.

Este documento foi elaborado em 2017 destinando-se a constituir um dos capítulos de uma obra sobre a História da UniSénior.

Esta é a primeira vez que é dada pública divulgação deste trabalho, procurando-se, deste modo, acrescentar mais um contributo para a análise do tema do Boletim.



ORFEÃO DA UNIVERSIDADE SÉNIOR DA ILHA DO FAIAL

Responsável artístico: M. Norberto Oliveira

O Orfeão da UniSénior foi formado no ano lectivo¹ de 2009-2010, em resultado duma proposta apresentada na Assembleia Magna realizada no final do ano lectivo anterior ², sendo a Comissão de Gestão, na altura, composta pelo Eng^o Mário C. Lourenço, coadjuvado pela Dr^a Fátima Baptista e pelo Sr. Carlos Naia.

De relevar que o Orfeão então constituído pode considerar-se sucedâneo do que fora criado, em 2001, por altura das comemorações do 150^o aniversário do Liceu Nacional da Horta (L.N.H.) e que, conforme documenta a foto 1, era composto por ex-alunos e ex-professores/as (alguns ainda em exercício) daquela escola:



Foto 1 – Comemorações do 150^o aniversário do LNH

¹ Por convicção pessoal, o autor não escreve segundo as regras do novo AO

² Foi proponente o aluno Fernando Manuel Ribeiro Menezes

Foto 1 – identificação dos coralistas

1ª fila (da esquerda para a direita): Maria de Jesus Silva, Maria de Fátima Capaz Simões Pinto, Maria Zoraida Matos do Nascimento, Isabel Dias Flores Afonso, Maria Judite Salema, Maria Palmira Gonçalves, Maria Natália Lemos, Teresa Eduina Amaral, Maria Leonilda Amaral, Lúcia de Mello Serpa e Maria José Duarte

2ª fila (da esquerda para a direita): Ilídio Santos, Francisco Garcia da Rosa, Alvarino Simas Machado, Rui Manuel Simões Pinto, Mário Manuel da Castro Moniz, Carlos Ramos da Silveira e Renato Pereira Leal

Maestro: M. Norberto Oliveira

Passados oito anos, voltavam os ex-alunos/professores – e agora frequentadores da UniSénior – a juntar-se para, em franca camaradagem e imbuídos do mesmo sentido de gosto pela música polifónica, enformarem um novo Orfeão! De salientar que, aos antigos professores e alunos do Liceu, outros elementos (masculinos e femininos) se juntaram, inscrevendo-se na Universidade Sénior para frequentar o Orfeão e outros, ainda, foram convidados pelo Diretor Artístico para o integrarem, tendo em vista um melhor equilíbrio de vozes.

Não foi tarefa muito fácil “arrumar”, nos 4 naipes, as vozes interessadas em integrar o Orfeão, até porque as cordas vocais de quem tem mais de 50-60 anos não se compadecem, geralmente, com o esforço que – fundamentalmente para as mais agudas – se exige... Mas, como *“quem corre por gosto, não cansa”*, lá se dividiram – às vezes para satisfação de apetites individuais – as/os cantores, pelas posições de soprano, alto, tenor e baixo.

Inicialmente contou-se com a franca vontade e persistente motivação para participar nos ensaios que, por sugestão do responsável, se efectuavam às sextas-feiras, por volta das 18H30, por ser a hora que mais se coadunava com o horário de trabalho deste e, também, porque não trazia inconvenientes significativos para as/os coralistas.

E, após a constituição formal do “coro”, havia que preparar repertório para apresentar publicamente além de que, para as actuações, era necessário idealizar uma indumentária apropriada, tendo sido sugerida e aceite a túnica e estola que se apresenta na foto 2 ³.

³ Por proposta do maestro



Foto 2 – A indumentária, unissexo, do Orfeão

Sendo certo que o repertório que se havia executado nas comemorações dos 150 anos do L.N.H. era baseado em canções de que praticamente todos se lembravam, da altura em que frequentavam o Liceu – tendo sido transcritas para a pauta e posteriormente harmonizadas pelo inestimável amigo e incansável maestro José Amorim Carvalho – o Orfeão da UniSénior nunca teve uma definição precisa do estilo musical a executar! Ora enveredava por temas musicais de raiz tradicional, ora optava por temas mais clássicos ou ligeiros, conforme a disposição demonstrada pelos elementos que o compunham!...

As partituras, recolhidas com apoio da internet e socorro ao arquivo pessoal do diretor artístico, iam sendo apreciadas pelos coralistas e não havia vontade do maestro que se sobrepusesse à disposição dos elementos para as interpretarem!... Bastas vezes se intentava ensaiar uma qualquer música ligeira mas, se não era do agrado dos executantes – às vezes

por ser menos fácil, devido a contracantos ou à ocorrência de dissonâncias ⁴ – a melhor solução era pô-la de parte...

Do total do repertório distribuído a todos os coralistas, merecem destaque – por terem sido as partituras que mais interesse lhes despertaram:

ADESTE FIDELES – *Harmonização de J. Reading*

A MOLEIRINHA - *Harmonização de J. dos Santos*

A PLAINA – *Popular, com arranjo para coro de J. Amorim de Carvalho*

AS BILHAS DA NOSSA TERRA – *Harmonização de António Escarameia*

BALAIO – *Pop. Brasileiro, de Hector Vila-Lobos*

CÂNTICO DE NATAL – *de Richard S. Willis*

CANTICORUM IUBILO – *G. F. Haendel*

DOBADOIRA - *Arranjo de M. Roseira Dias*

FOI DEUS - *Arranjo de M. Roseira Dias*

FREDA É LA NOTTE (a.d.)

GAUDEAMUS IGITUR – *Harmonização de J. Casulleras* (Hino Universitário, adoptado para abertura dos Concertos do Orfeão da UniSénior)

ILHAS DE BRUMA - *Arranjo de M. E. Porto*

I'm TROUBLED, LORD! (*espíritual negro*)

LÁ, LÁ, LÁ, *de Santa Marta*

LINDA NOITE – *Arranjo do P.^e David Sequeira*

LUAR DO SERTÃO – *Arranjo para coro de M. Roseira Dias*

LUISINHA – *Harmonização de M. Branco de Matos*

OLHOS AZUES SÃO CIÚMES – *Harmonização de Jacques Chailley*

OLHOS PRETOS – *Arranjo de M. E. Porto*

O PEZINHO – *Harmonização do Prof. Mário de Sousa Santos*

O BOIADEIRO – *Toada Brasileira, de Armando Cavalcanti Araújo e José Beltrão Jr*

O VOSSO GALO COMADRE – *Canción Galega, de M. Groba*

⁴ Por exemplo, “Foi Muito Bom”, de J. Vicente Narciso

Ó DO BIRA BIRA – *Arranjo de J. Paulo Pontes*

Ó SANTÍSSIMA – *Arranjo de M. Faria*

SANTA LUCIA – *Canção Napolitana*

SIGNORE DELLE CIME – *de Giuseppe de Marzi*

UM GRANDE NATAL - *Arranjo de Margarida Louro*

E assim foi o Orfeão da UniSénior singrando na correnteza dos dias/meses, com maior ou menor afluência dos coralistas aos ensaios (!), mas tentando manter-se activo e actuante, tendo participado em diversos momentos musicais por ele organizados, nas aberturas e encerramentos dos anos lectivos da UniSénior – o primeiro dos quais foi em 30.06.2010, na Sociedade Amor da Pátria, por ocasião do encerramento do ano lectivo 2009/2010 (Foto 3).



Foto 3 – Encerramento do ano lectivo 2009/2010
Sociedade “Amor da Pátria”

Sem pretender enunciar exaustivamente todas as atuações realizadas, que contabilizamos em cerca de três dezenas, podemos relevar as seguintes:

10/Dezembro/2010 – Festa de “Natal do doente”, no Hospital da Horta (Foto 4)



Foto 4 – “Natal do doente” – Hospital da Horta

02/Janeiro/2011 – Encerramento da festa do Santíssimo Salvador, organizada na Igreja Matriz da Horta;

03/Abril/2011 – 28º Aniversário do Grupo Coral da Horta

20/Maio/2011 – Encontro de Coros, realizado na Sociedade Amor da Pátria, e em que participaram, também, o Grupo Coral da Horta, o Coral de Santa Catarina e o Grupo convidado de Alhos Vedros, “Allius Vetus”;

12/Novembro/2011 – Concerto, integrado nas festividades em honra de Santa Cecília e com a participação de diversas “capelas” do Faial, bem como o Grupos Coral da Horta e o Coral de Santa Catarina;

27/Abril/2012 – Encerramento do Congresso subordinado ao tema “Envelhecimento Activo”,

09/Junho/2012 – Recepção, em conjunto com o Grupo Coral da Horta, ao Grupo Coral da Portela (Foto 5)



Foto 5 – Actuação num “Encontro de coros” – Junho/2012
Sociedade “Amor da Pátria”

21/Dezembro/2012 – Concerto Solidário, organizado pela Assembleia Legislativa Regional dos Açores, e em que participaram, também, o Grupo Coral Infantil “Mater Dei”, o Grupo “Mater Dei”, o Coral de Santa Catarina e o Grupo Coral da Horta;

12/Outubro/2013 – Participação no III Horta Coral, em conjunto com o Grupo Coral da Horta e o Orfeão da Santa Casa da Misericórdia de Gouveia;

13/Abril/2014 – Encontro de Coros, realizado no Teatro Faialense, a convite do Grupo Coral da Horta, tendo participado, também, o Grupo “Sol do Troviscal”, de Aveiro,

14/Maio/2015 – Encontro de intercâmbio com a Universidade Sénior da Madalena (Pico), realizado na Sociedade Amor da Pátria

19/Dezembro/2014 – Concerto no Hospital da Horta, por ocasião do “Natal do Doente”
(Foto 6)

09/Setembro/2015 – Dia da freguesia dos Flamengos, em conjunto com o Grupo Coral da Horta e o Coral de Santa Catarina.



Foto 6 – Natal dos Hospitais
Actuação no Hospital da Horta – Dezembro/ 2014

Em termos de coralistas, foram 49 (50, contando com o diretor artístico) os elementos que inicialmente se comprometeram com o projeto, quer por inscrição na respetiva área formativa, quer por convite do responsável. Regista-se, de seguida, a composição dos diversos *naipes*, por ordem alfabética das(os) participantes:

Sopranos: Alda Maria S. Amaral, Cláudia Patrícia S. Amaral, Filomena Cisaltina G. Martins, Maria Goretti S. Borges, Isabel Dias F. Afonso, Maria Ermelinda N. G. Simões, Maria Isabel G. P. Serpa, Maria Inês Madeiros, Maria José Duarte, Maria Judite S. C. Salema, Maria Palmira Gonçalves, Maria Zoraida S. S. Nascimento, Paula Cristina Matos, Raquel Marie Vieira

Altos: Emília de Medeiros Andrade, Lídia Maria G. M. Pombo, Maria Cecília S. F. Ávila, Maria de Fátima C. Simões Pinto, Maria Goretti M. Picanço, Maria Graciete O. F. Amaro, Maria Guiomar P. G. Rosa, Maria Hortense M. Silveira, Maria Leonilda A. C. Amaral, Maria Luía Botelho, Maria Natália G. Lemos, Maria Vasconcelos M. Menezes, Maria Salomé L. S. Medeiros, Teresa Eduina F. Amaral, Teresa Jesus Almeida e Raimunda Maria B. Rosário,

Tenores: Alvarino Simas Machado, Humberto Silva (solista na canção “A Moleirinha”), João Pereira Borges (solista na canção “O Boiadeiro”), José Herculano Duarte, José Francisco Silveira Jr e Rui Manuel da Costa S. Pinto

Baixos: António Manuel Bettencourt, Augusto Guilherme F. Medeiros, Carlos Manuel R. Silveira, Fernando Manuel R. Menezes, Humberto Pacheco, Ilídio José da C. Amaral, José Alberto M. Quadros, José Carlos Serpa, José Garcia do Rosário, Manuel Silveira Goulart, Maria de Fátima P. C. Brum, Mário M. Castro Moniz e Mário M. Simas de Lemos.

Pese embora o entusiasmo inicial, os afazeres quotidianos com que a maioria das(os) coralistas se iam confrontando – de que se realça a necessidade de colaborarem na educação familiar dos netos!...⁵ – levou a que uma parte significativa começasse a abandonar o Grupo, para além da inesperada e triste “partida” que se registou pela morte de alguns – e que aqui recordamos com saudade! – nomeadamente José Carlos Serpa, Emília de Medeiros Andrade, Maria Palmira Gonçalves, Maria de Fátima Capaz Simões Pinto e Maria Leonilda de Azevedo e Castro Amaral.

Para colmatar o “desfalque” provocado pela saída de alguns dos coralistas, tentou-se convidar outros elementos (de que se recorda o António de Matos Jr., o José Luís Picanço, o Luís Silva ⁶, a Elvina R. Matos e a Maria de Fátima Goulart) mas, em finais de 2016, o Orfeão ficou reduzido a cerca de 24 elementos, o que – aliado à fraca participação nos ensaios – redundou num inquietante desinteresse pela manutenção da actividade!...

Sem pretender sentenciar, em definitivo, a abolição da disciplina “Orfeão”, do cardápio das ofertas formativas da Universidade Sénior da Ilha do Faial, seria importante auscultar os futuros “alunos”, eventualmente no acto da inscrição, sobre a disponibilidade para abraçarem uma área que já se revelou interessante e arauta da existência da UniSénior, no contexto do envelhecimento activo na Região Autónoma dos Açores.

Horta, Julho de 2017

M. Norberto Oliveira

⁵ Tenha-se em conta que a maioria já era sexagenária!...

⁶ Também já falecido